

América Latina e Caribe lançam na Venezuela bloco sem EUA

Celac será inaugurado durante cúpula nesta sexta e sábado, em Caracas. Presidentes de Argentina, Brasil, Chile e Equador já confirmaram presença.

A Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos nasce esta semana em uma cúpula em Caracas que marca o fim de um lento processo de afirmação da região, desejosa de um espaço político sem Washington, apesar da heterogeneidade de lideranças poder limitar suas ambições.

Quase todos os presidentes de 33 países participarão da reunião de sexta e sábado convidados por Hugo Chávez, para quem a fundação da Celac fará "história" em uma região que celebra o bicentenário da independência de várias de suas nações e economicamente está indo bem perto do declive das potências ocidentais.

A criação da Celac, herdeira dos fóruns Cúpula da América Latina e do Caribe e Grupo do Rio, foi proposta em fevereiro de 2010 no México pelos líderes da região, lançando uma clara mensagem de que chegou a hora de contar com um órgão político genuinamente latino-americano e caribenho, que se afasta da histórica influência de Washington.

Em outras palavras, mais de 60 anos depois do lançamento da Organização de Estados Americanos (OEA), a região concordou em criar uma série de alternativas institucionais, incluindo Cuba e excluindo Estados Unidos e Canadá.

"A criação da Celac é uma demonstração da confiança da região em si mesma e do crescente desejo de independência em relação aos Estados Unidos", afirmou Cynthia Arnson, diretora do programa latino-americano do Wilson Center.

Desde a Colômbia até o Equador, que representam extremos nas relações com Washington, os presidentes latino-americanos apoiam a criação da Celac e a maioria confirmou sua participação na reunião, um mês depois de a tribuna da Cúpula Iberoamericana em Assunção - que inclui as antigas potências colonizadoras, Espanha e Portugal -, ter ficado quase vazia de líderes.

"Esta é a década da América Latina, porque temos para oferecer tudo o que o mundo está buscando e quanto mais nos integramos, mais preparados estaremos para enfrentar esse furacão que está atingindo a economia mundial", disse nesta semana sobre a Celac o presidente colombiano, Juan Manuel Santos.

Mas nem Santos nem outros aliados dos Estados Unidos responderam ao chamado do presidente equatoriano, Rafael Correa, de "substituir" a OEA com a Celac.

Rivalidade

Os especialistas, apesar de admitirem que a existência do novo órgão é suscetível a rivalizar com a OEA, descartam uma ameaça imediata para o órgão com sede em Washington.

Os dois órgãos "operam de alguma forma na mesma região, com uma natureza política e uma vocação de resolver os problemas regionais", disse o brasileiro Alberto Pfeifer, diretor-executivo do Conselho Empresarial da América Latina.

Mas a OEA "sempre teve algo a oferecer, com um mandato, um sistema de cooperação e recursos financeiros. Por enquanto, a Celac não tem nada disso", afirma Pfeifer, também professor de Relações Internacionais.

Para Milos Alcalay, ex-embaixador venezuelano diante da ONU, o "sucesso" da cúpula dependerá de se a Celac for apresentada por seus 33 membros como um órgão "além da" OEA, e que evitem declarações excludentes por parte de países hostis a esse órgão com sede em Washington.

A reunião "deve levar uma mensagem de unidade latino-americana e integração regional sem pretender substituir a já existente", algo que não ficaria bem entre os aliados de Washington, como Colômbia, Brasil ou Chile, afirma Alcalay.

As divisões sobre o peso da Celac em relação à OEA é apenas uma amostra de que por enquanto a "América Latina não se pode definir como um bloco com ideias convergentes, nem modelos em comum", capaz de defender uma posição conjunta em fóruns internacionais, segundo Pfeifer.

"É pouco provável que a Celac fale com uma só voz em questões políticas, há muitas personalidades e pontos de vista diferentes sob um mesmo teto", declarou Arson, do Wilson Center, sediado em Washington.

Pfeifer contrasta as altas expectativas de Chávez e seus parceiros da Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América (Alba) conferem à Celac, atribuindo a ela uma vocação de cumprir o sonho de unidade continental do libertador Símon Bolívar, com o pragmatismo de países como o Brasil.

Prioridade

Para o governo brasileiro, "a Celac não é uma prioridade", como é a União de Nações Sul-Americanas (Unasul), formada por 12 países e cujo alcance integrador é "mais profundo" ao abordar temas comerciais, econômicos, de infraestrutura ou de defesa, disse Pfeifer.

Inicialmente programada para julho em Caracas e adiada devido ao câncer diagnosticado em Chávez, o evento será preparado com antecedência na quinta-feira por chanceleres dos 33 países participantes.

À margem do encontro, foram programadas reuniões das nações da aliança petroleira Petrocaribe e da Unasul. A próxima reunião da Celac ocorrerá no Chile em 2012.

Fonte: Portal G1, 30 nov. 2011. [Portal]. Disponível em: <<http://g1.globo.com>>. Acesso em: 1 dez. 2011.